



O despertar das paixões

A retórica de Candido na estreia de Clarice Lispector

Bruna Camargo Correa

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

orcid.org/0000-0002-8010-084X

O discurso crítico literário, de ordem epidítica, já que objetiva louvar ou censurar uma obra e seu autor, é capaz de consagrar escritores desconhecidos, caso da modernista Clarice Lispector. Com base nessas considerações, adota-se como objeto de análise deste estudo a crítica literária “Perto do coração selvagem”, escrita por Antonio Candido, referente ao romance de estreia de Lispector. Tem-se como objetivo mostrar quais as paixões mobilizadas no discurso de Candido, por intermédio de recursos retóricos – figuras, argumentos, lugares e seleção lexical – que amplificam a escritora. Para esse feito, o estudo baseia-se nos pressupostos teóricos da Retórica (ARISTÓTELES, 2015) e da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), com foco no conceito de *pathos*. Para mais, o estudo considera que a crítica literária jornalística é capaz de conduzir o leitor do jornal a se tornar leitor do romance, a partir da intencionalidade retórica do crítico-orador e das paixões mobilizadas nos leitores.

Palavras-chave: Crítica literária. Discurso epidítico. *Pathos*. Clarice Lispector. Antonio Candido.

El despertar de las pasiones: la retórica de Candido en el debut de Clarice Lispector

El discurso crítico literario, de orden epidíctico, ya que pretende elogiar o censurar una obra y a su autor, es capaz de consagrar a escritores desconocidos, como la modernista Clarice Lispector. A partir de estas consideraciones, se adopta como objeto de análisis de este estudio la crítica literaria “Perto do coração selvagem”, escrita por Antonio Candido, que se refiere a la primera novela de Lispector. Su objetivo es mostrar qué pasiones se activan en el discurso de Cândido, a través de los recursos retóricos - figuras, argumentos, lugares y selección léxica - que amplifican la escritora. Para este logro, se parte de los presupuestos teóricos de la Retórica (ARISTOTELES, 2015) y de la Nueva Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), centrándose en el concepto de *pathos*. Además, la investigación considera que la crítica literaria periodística es capaz de llevar al lector del periódico a convertirse en lector de la novela, a partir de la intención retórica del crítico y de las pasiones movidas en los lectores.

Palabras-claves: Crítica literaria. Discurso epidíctico. *Pathos*. Clarice Lispector. Antonio Candido.

The awakening of the passions: Candido's rhetoric in Clarice Lispector's debut

The literary critical discourse, of epideictic order, since it aims to praise or censure a work and its author, can consecrate unknown writers, such as the modernist Clarice Lispector. Based on these considerations, this study adopts as object of analysis the literary criticism “Perto do coração selvagem”, written by Antonio Candido, referring to Lispector's debut novel. It aims to show which passions are mobilized in Candido's discourse through rhetorical resources - figures, arguments, *loci*, and lexical selection - that amplify the writer. To do so, the paper draws on the theoretical assumptions of Rhetoric (ARISTOTELES, 2015) and the New Rhetoric (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), focusing on the concept of *pathos*. Furthermore, the study considers that journalistic literary criticism can lead the newspaper reader to become a reader of the novel, based on the rhetorical intentionality of the writer-critic and the passions mobilized in the readers.

Keywords: Literary criticism. Epideictic discourse. *Pathos*. Clarice Lispector. Antonio Candido.

Considerações iniciais

A crítica literária é um discurso cada vez mais modificado na modernidade, pode-se dizer que está quase extinto frente a sua essência. Nos dias atuais, o discurso crítico-literário está perto de ser essencialmente digital e produzido somente nas universidades, dotado de linguagem rebuscada, de forma que seus leitores são aqueles que se relacionam com o universo acadêmico. Já nos tempos antigos, como na década de 1940, a crítica literária era veiculada no jornal e não podia “se dar ao luxo de ser difícil ou longa demais [...]”, assim ela ambicionava, acima de tudo, “ser compreensível, para poder atingir o maior número de leitores, vistos como consumidores” (DURÃO, 2016, p. 12).

Com base nesse contexto, é válido destacar que a crítica literária, jornalística ou não, é um discurso retórico, que visa persuadir seu leitor. Dessa forma, caracteriza-se como de gênero epidítico, isto é, aquele que objetiva louvar ou censurar algo ou alguém (cf. ARISTÓTELES, 2015). No caso da crítica literária, ela pode enaltecer um escritor e a sua obra, transformando-se em um laudo indagador para que os leitores decidam ler ou não a obra em questão. Desse modo, na história da literatura, foi a crítica quem proclamou, até o Modernismo, conforme a adesão dos leitores e o posicionamento dos críticos-oradores, o que é um objeto literário (cf. DURÃO, 2016). Assim, é evidente que tal discurso epidítico foi importante para a formação histórica da literatura, desvelando e solidificando (ou não) grandes obras e escritores.

No entanto, a crítica literária não deve ser vista somente como formadora do cânone, apesar de essa construção ser uma consequência do discurso crítico. A crítica literária provoca e instiga a curiosidade, é ao mesmo tempo laudatória e enigmática, porque não se sabe se determinada obra será solidificada no universo literário pós-crítica. À vista disso, a crítica tem o poder de conduzir o leitor até a obra, para que ele a leia e concorde (ou não) com o discurso do crítico-orador; nesse sentido, ela também é pedagógica. Foi diante dessa versatilidade das funções da crítica literária que a retórica de Antonio Candido amplificou positivamente a escritora modernista Clarice Lispector.

Desse modo, objetiva-se, neste artigo, mostrar quais as principais paixões (*pathos*) mobilizadas no discurso retórico de Antonio Candido sobre a estreia literária de Clarice Lispector. Acredita-se que as paixões eufóricas mobilizadas pelo crítico-orador favoreceram a adesão de leitores à obra da jovem escritora. Assim, tem-se como hipótese que as paixões da amizade e da amabilidade mobilizadas pelo

crítico-orador favoreceram a adesão de leitores à obra de estreia da jovem escritora. Para cumprir com o objetivo, analisaram-se os elogios à escritora, levando-se em consideração os recursos retóricos – figuras, argumentos, lugares e seleção lexical – que a amplificam. Desse modo, o estudo se respalda nos pressupostos teóricos da Retórica (ARISTÓTELES, 2015) e da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010; FIORIN, 2015), com ênfase no conceito de *pathos*. Vale destacar que a Nova Retórica surge com o foco na argumentação, isto é, no *logos*, o discurso propriamente dito. Assim, a Nova Retórica é estabelecida pelo *Tratado da Argumentação: a nova retórica* (2014), desenvolvido por Perelman e Olbrechts-Tyteca, complementando os conceitos da Retórica Antiga.

Tem-se como objeto de análise a crítica literária jornalística “Perto do coração selvagem”, publicada no rodapé “Notas de crítica literária” do jornal *Folha da Manhã*, pelo crítico Antonio Candido, em 1944. No discurso em questão, Candido cede seu aval crítico, com base em elogios e na mobilização de paixões, à escritora Clarice Lispector e ao seu romance de estreia *Perto do coração Selvagem* (1943).

Nesse ínterim, para melhor organização do artigo, será exposta uma breve explicação do conceito de *pathos*, fundamentada nos pressupostos retóricos. Posteriormente, apresenta-se uma contextualização sobre a escritora Clarice Lispector, o crítico Antonio Candido e a crítica “Perto do coração selvagem” (1944). Feitas as devidas contextualizações dos referentes e dos pressupostos teóricos que fundamentam este estudo, realiza-se a análise dos dados e, por fim, reúnem-se os resultados nas considerações finais.

1 *Pathos*: as paixões retóricas

O êxito persuasivo é uma situação inerente ao ouvinte ou auditório, isto é, àquele que o orador pretende conduzir à ação. Posto isso, um dos conceitos fundamentais para efetivar a persuasão é a mobilização do *pathos*. Nesse sentido, Aristóteles (2015), precursor do estudo das paixões, define *pathos*, em linhas gerais, como a disposição do auditório. No entanto, para compreender o conceito em sua totalidade é preciso retomar a noção de virtude, a fim de estabelecer um sentido claro para além da definição.

Para Aristóteles (1991), a virtude possui um elo com as ações e paixões do ser humano, dividindo-se em duas espécies: a intelectual e a moral. A primeira é de caráter pedagógico, ou seja, origina-se a partir do estudo e da experiência; já a segunda, que nos interessa, surge mediante os hábitos. Dessa forma, adquire-se a virtuosidade moral por meio das escolhas ou hábitos, assim tal virtude não surge

naturalmente, portanto, está relacionada ao caráter e é a partir dele que o homem é julgado como bom ou mau. Isto posto, “a virtude do homem também será a disposição de caráter que o torna bom e que o faz desempenhar bem a sua função” (ARISTÓTELES, 1991, p. 34).

Nesse viés, se a virtude se relaciona com a disposição do caráter e é determinada por escolhas ou hábitos, relaciona-se também com as ações e paixões, de maneira que o homem virtuoso assume a característica da mediania, isto é, a capacidade de estabelecer o equilíbrio entre as situações, de modo que os extremos (dor e prazer) são os vícios. Por conseguinte, a virtude é a mediania, o equilíbrio entre o excesso e a carência dos vícios, sendo esse meio-termo o ideal para o indivíduo ser considerado virtuoso. Segundo Aristóteles (1991, p. 52), “o homem é um princípio motor de ações; ora, a deliberação gira em torno de coisas a serem feitas pelo próprio agente, e as ações têm em vista outra coisa que não elas mesmas”. Portanto, é possível entender que o que difere as paixões da virtude é o fato de que nem sempre haverá uma mediania entre a dor e o prazer, ou seja, há paixões ímpares que assumem, exclusivamente, ou a dor ou o prazer (cf. ARISTÓTELES, 1991).

À vista disso, o estagirita define as paixões como as “causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116). Dessarte, o *pathos* corresponde às emoções, ao estado de espírito do auditório e à identidade. Logo, as paixões são transitórias, de forma que levam o homem à ação em diferentes situações e, para mais, convém ressaltar que, ao defini-las, Aristóteles (2015) destaca três aspectos relevantes para compreender cada uma delas: o estado de espírito que se refere à disposição emocional do indivíduo; contra quem costuma sentir tal paixão e; por quais motivos e em que circunstâncias essa paixão é mobilizada.

Assim, quanto às classificações das paixões, Aristóteles as determina ao longo de suas obras, iniciando pela *Ética a Nicômaco* (1991) e as aprofundando na *Retórica das paixões* (2000). Considerando as quatorze paixões aristotélicas que constam na *Retórica das paixões* (2000), cabe explorar brevemente cada uma evidenciada pelo estagirita, as quais são denominadas: cólera, calma, temor, confiança, inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor, indignação e desprezo.

A cólera ou ira se caracteriza pelo desejo de vingança ou de causar um desprazer no outro, gerado pela indiferença e o desprezo. Ao contrário dela, a

calma ou tranquilidade é a conciliação, que objetiva o acordo. Outros dois opostos são o amor e o ódio. Assim, o amor ou amizade é se associar ao outro, desejar o bem que deseja para si, a partir de uma relação de identidade. Já o ódio ou inimizade diz respeito ao desejar o mal para outro, a partir de uma incompatibilidade entre os seres. Há também o temor e a confiança como apetites que se diferem na dor e no prazer. O temor ou medo se refere a um sentimento de dissociação, gerado pela dor de um mal possível de se consolidar. Oposto a isso, tem-se a confiança ou segurança que se afasta de um possível e real perigo, acreditando que consequências ruins não são possíveis ou podem ser evitadas (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000).

Ainda no que tange à exploração das paixões, a vergonha e a impudência dizem respeito à reputação de si; assim, enquanto a vergonha se refere ao se sentir inferior diante de uma ação, a impudência ou desvergonha diz respeito ao se sentir superior, sem dar importância à imagem consolidada diante de determinada situação. Nesse sentido, o favor ou amabilidade é a paixão-resposta, caracterizada pelo prestar um serviço prezando pelo bem do outro, sem esperar retribuições. Já a compaixão e a indignação não atuam em vias tão opostas: a compaixão ou piedade revela o pesar pelo mal que feriu o outro, a partir de uma posição de superioridade; já a indignação é a não aceitação de uma situação injusta (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000).

Por último, há a inveja, a emulação e o desprezo. A inveja é o querer tirar o que é do outro, promovendo a diferença, enquanto a emulação é caracterizada popularmente por uma “inveja boa”, já que diz respeito ao querer o que o outro tem, ou ser quem ele é, sendo muitas vezes influenciada pelo sentimento de inspiração, logo, promovendo a identificação. Dessa forma, o desprezo é olhar o outro como inferior por não ser digno de ser quem é ou ter o que tem, de forma que ele não merece tal valorização (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000).

Nessa perspectiva, ao observar tais paixões, entende-se a afirmação do pensador em dizer que elas comportam dor ou prazer, já que remetem à ação e, ao agir, o homem é motivado por um desses sentimentos, seja para fazer o bem ou o mal. No caso do estudo em questão, as paixões são mobilizadas nos leitores do jornal Folha da Manhã, na época, a partir da crítica literária jornalística que visa estabelecer um laudo da obra de debute da escritora Clarice Lispector, a fim de gerar identificação com o auditório e, portanto, levar o leitor do jornal a se tornar leitor do romance de Lispector. Para mais, também há as paixões que motivam o próprio crítico-orador a tratar da estreada de forma justa e equilibrada, reforçando

a virtuosidade do orador frente à mediania no que se refere ao tratamento a Clarice Lispector.

Meyer (2000), estudioso dos pensamentos aristotélicos que repensou o conceito de *pathos* e contribui para o desenvolvimento dessa noção, afirma que a paixão exige a ação bem como “é o obstáculo que a ação enfrenta”, por isso estabelece uma relação de identidade entre o orador, o assunto e o auditório. Para o pensador, “o *pathos* é tudo o que não é sujeito e, ao mesmo tempo, tudo o que ele é” (MEYER, 2000, p. XXXII), logo, identifica-se o caráter transitório das paixões, já que o homem não pode ser reduzido à emoção provisória que o levou à ação. Dessa forma, o orador pode persuadir pelas emoções a ponto de levar uma multidão ou um único ser à ação pretendida, o que não definirá o caráter de seu auditório, mas sim o do orador que conduziu esse para a ação.

Isto posto, o *pathos* é a prova retórica que permite persuadir pela mobilização dos sentimentos, sejam eles bons ou ruins, de modo que o orador objetiva, por meio do *pathos*, conduzir o ouvinte/auditório a efetivar ação. No entanto, o provocar das paixões está relacionado ao orador e ao discurso, afinal “a paixão e a opinião que a acompanha é então o único juiz. Pronunciamo-nos em função daquilo que sentimos” (MEYER, 2007, p. 34). Com isso, compreende-se que a paixão é a resposta do auditório por meio da (não) identidade, considerada por Meyer (2000, p. XL) o “momento retórico por excelência”, já que a resposta dirá se a intencionalidade retórica do orador foi ou não efetivada. Assim, reforça-se que as paixões são mobilizadas nos leitores do jornal *Folha da Manhã*, mediante o discurso que estabelece um laudo positivo da obra de estreia de Clarice Lispector. Com base no exposto, pode-se sintetizar que o *pathos* é o meio pelo qual o orador ativa as emoções no auditório, a fim de conquistar a atenção para o argumento, gerar identidade e, portanto, conduzir à ação.

2 Candido sobre Clarice: o crítico e a escritora

Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) foi um crítico literário reconhecido, em especial, por suas críticas militantes. Formado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia (atual Universidade de São Paulo), o pensador foi convidado para colaborar como crítico literário na Revista *Clima*, em 1941, sem ter base alguma na área. Foi nesse momento que iniciou sua carreira no universo literário, o que ocasionou o convite do jornal *Folha da Manhã* para que Candido assumisse o posto de crítico titular na seção “Notas de crítica literária”, função que ocupou de 1943 até 1945 (cf. RODRIGUES, 2018).

Para mais, Candido também atuou na esfera da educação: foi auxiliar nas aulas de sociologia e atuou como professor de Teoria Literária e Literatura Comparada, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Além disso, o pensador também foi responsável pela criação e organização do curso de Letras da Faculdade de Filosofia de Assis (UNESP), bem como fundou o Instituto de Estudos Linguísticos (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (cf. RODRIGUES, 2018).

Segundo Antonio Candido, a função do crítico é “descobrir a razão profunda dos textos, razão cuja natureza pode escapar a quem os produziu” (PINTO, 2010). Foi com base nesse pensamento que, sem referência prévia de quem era a jovem Clarice Lispector, Candido arriscou em afirmar que ela era um dos valores mais sólidos da literatura em 1944, quando redigiu uma crítica sobre a estreia da escritora.

Clarice Lispector, do original Haia Pinkusovna Lispektor (1920-1977), nasceu na Ucrânia, mas viveu desde a infância no Brasil, por isso foi naturalizada brasileira. A escritora, que ficou marcada como intelectual, literata e de escrita introspectiva, nunca apreciou tais adjetivos. Prova disso é o seu depoimento, em sua crônica “Intelectual? Não.”, de 1968, em que afirma: “ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso a intuição, o instinto” (LISPECTOR, 2018, p. 162). Na mesma crônica, revela que não se considera literata porque nunca fez do fato de escrever uma profissão.

Apesar de formada em Direito, nunca exerceu a profissão, sempre estando mais ligada à escrita literária. Já foi definida como hermética no que tange a sua atuação literária, mas esse adjetivo é insignificante atualmente, já que é uma das escritoras modernistas mais conhecidas da literatura. Além disso, foi reconhecida como patrona da Literatura do Estado de Pernambuco, local onde a escritora viveu sua infância e cenário de vários de seus contos (ROSA, 2020). Publicou o seu primeiro texto, intitulado “O triunfo”, em 1940, no periódico *Pan*. No entanto, desde 1931 tentou algumas publicações no *Diário de Pernambuco*, no qual não teve sucesso. Ainda assim passou por diversos jornais e revistas, como: *Revista Senhor*, *O Estado de São Paulo*, *Diário da Noite*, *Correio da Manhã*, *Revista Manchete* e *Jornal do Brasil* (cf. GOTLIB, 2009).

Nesse sentido, publicou seu primeiro romance, intitulado *Perto do coração selvagem*, em 1943. Desde então, passou a ser reconhecida no universo literário, publicando obras de sucesso, como *A hora da estrela* (1977), que teve adaptações tanto para filme quanto para peças de teatro. Para mais, teve seus livros traduzidos

na França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Polônia, Tchecoslováquia, Venezuela, Argentina, entre outros países (cf. GOTLIB, 2009).

Foi, portanto, na obra de estreia de Clarice Lispector que Antonio Candido a notou. Na crítica “Língua, Pensamento e Literatura”, de 1944, Candido se mostrou preocupado com o futuro da literatura brasileira e revela ter levado um “choque” ao ler o romance da escritora debutante. Tal choque levou à escrita laudatória sobre o romance, gerando a crítica “Perto do coração selvagem”, publicada em 1944 no jornal *Folha da Manhã*, na qual Candido cede seu aval crítico com base na amplificação positiva da autora. Tal discurso de louvor ressalta a inovação literária apresentada pela escritora naquele momento e intensifica a ação de conduzir o leitor do jornal ao romance, com base na intenção do crítico-orador (cf. CORREA, 2021)¹.

3 O despertar das paixões na estreia literária de Clarice Lispector

No que tange ao despertar das paixões no discurso candidiano, analisar-se-ão os mecanismos retóricos utilizados para mobilizar as paixões na crítica “Perto do coração selvagem”. A fim de contextualizar o objeto em análise, que trata da estreia literária da escritora modernista Clarice Lispector, o discurso é um artigo estruturado em dez parágrafos críticos, que versam sobre a inovação literária proposta por Clarice, a estética da autora, o gênero da obra, os elementos narrativos, a síntese do romance e, finalmente, o aval crítico. Todavia, não será analisado o artigo literário como um todo e sim os trechos principais que evidenciam as paixões mobilizadas no discurso.

3.1 O *pathos*: elogios iniciais

No discurso epidítico em questão, Antonio Candido apresenta a escritora com elogios primordiais, os quais estruturam o seu posicionamento sobre o debute literário de Lispector. Assim, é a partir de recursos diversos que o crítico retrata na introdução da crítica a **indignação** e a **compaixão** como paixão-inicial. É o que se pode observar no excerto que segue:

No entanto mesmo na craveira ordinária dos talentos, há quem procure uma via mais acentuadamente sua, **preferindo o risco da aposta à comodidade do ramerrão**. É o **caso da** sra. Clarice Lispector, que **nos deu** no fim do ano passado um romance de **tom mais ou menos raro** na **nossa** literatura moderna, já qualificada de “ingenuamente

¹ Artigo decorrente desse mesmo estudo, em que se analisou à amplificação positiva de Clarice Lispector na constituição do discurso epidítico.

naturalista” por um **crítico de valor**, numa frase que **me parece exagerada**. O que se **poderia** dizer, com **maior justeza**, é que os escritores brasileiros se contentam em geral com processos já usados, **apenas um ou outro arriscando em tentativas mais ousadas** (grifos nossos)².

Primeiramente, cabe retomar que a indignação e a compaixão são paixões que, apesar de serem consideradas opostas, podem ser complementares. Isso porque a compaixão diz respeito à comoção pelo mal que atingiu o outro, sendo mobilizada a partir de uma posição de superioridade (caso do crítico-orador). A indignação atua na mesma via: pode-se dizer que ela é a não aceitação de uma situação injusta (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000). Assim, observa-se que Antonio Candido se indigna pela qualificação de “ingenuamente naturalista” posta por outro crítico literário para Clarice Lispector. Portanto, é mediante sua indignação que Candido move a compaixão, reenquadrando a jovem estreante à literatura de valor.

Nesse sentido, no trecho “[...] mesmo na craveira ordinária dos talentos, há quem procure uma **via mais acentuadamente sua**, preferindo o risco da aposta à comodidade do ramerrão”, percebe-se uma argumentação pela analogia³. Ela ocorre porque Candido expõe um cenário geral e metafórico (o uso de “via mais acentuadamente sua” é uma metáfora de percurso⁴, indicando que aquele que se mostra original está resolvendo o problema da literatura na época), para comparar com o caso da escritora, introduzindo-a da seguinte forma: “É o caso da sra. Clarice Lispector”. Tal analogia surge mediante à comparação da jovem escritora com os escritores consagrados da época, isto é, o crítico busca mostrar que os padrões de estética, diferentes dos adotados pela escritora, para produzir literatura são rompidos pela estreante, que busca seu próprio sentido na escrita literária.

À vista disso, entende-se que é por meio da analogia que Clarice é introduzida e contextualizada na crítica: “**É o caso da sra. Clarice Lispector**, que **nos deu** no fim do ano passado um romance de **tom mais ou menos raro** na **nossa** literatura moderna [...]”. No trecho, é interessante observar o uso da primeira pessoa do discurso (“nos deu” e “nossa literatura”), que inclui e aproxima o leitor da constatação do crítico (posta de forma elogiosa), a qual é amenizada pelo eufemismo⁵. Dessa forma, “tom mais ou menos” é uma ponderação para reduzir o

² Todos os destaques em negrito nas análises são nossos.

³ **Analogia**: “[...] raciocínio em que de uma proposição particular se conclui uma proposição particular somente pela semelhança dos casos referidos” (FIORIN, 2019, p. 64).

⁴ **Metáfora de percurso**: “Consiste em associar a resolução de problemas a uma jornada” (ABREU, 2009, p. 120).

⁵ **Eufemismo**: “[...] é o tropo em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável” (FIORIN, 2019, p. 79).

impacto do elogio inicial, que eleva a escritora, por meio do lugar de qualidade⁶, como rara na literatura nacional. Para mais, a aplicação do lugar de qualidade revela a “oposição ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 102), enfatizando que Lispector inovou a literatura brasileira à luz do momento.

Nesse ínterim, por intermédio do adjetivo “rara”, Candido, com ousadia e ponderação, reformula o dito pelo crítico de valor ao qual alude sem revelar a identidade, desvelando a indignação como paixão-inicial: “[...] já qualificada de ‘ingenuamente naturalista’ por um **crítico de valor**, numa frase que **me parece** exagerada. O que se poderia dizer, com maior justeza [...]”. A partir do uso do modalizador “me parece”, que pode ser compreendido como eufemismo, do pronome oblíquo átono “me”, que reforça sua opinião de que a qualificação é exagerada, bem como do modalizador “poderia”, pode-se dizer que o crítico promove a reformulação cuidadosa dessa qualificação. Tal reformulação acontece pela regra de justiça⁷, que pode ser vista na expressão “com maior justeza”, ou seja, Antonio Candido desloca a escritora da literatura comum para uma literatura original, reformulando o dito pelo “crítico de valor”, já que “os escritores brasileiros se contentam em geral com processos já usados, apenas um ou outro arriscando em tentativas mais ousadas”.

Portanto, a partir da regra de justiça, que visa realocar Clarice Lispector no cenário literário nacional, Antonio Candido move a paixão da **indignação**. Dessa forma, essa indignação, frente à qualificação errônea que a escritora recebeu pelo crítico aludido, é resultado de um julgamento do qual Candido discorda e, como um orador justo (cf. CORREA, 2020) para construir o discurso epidítico de louvor, ele reconstrói a imagem da escritora, mostrando que, diferente de outros escritores, ela ousou sair dos padrões literários. Com isso, Antonio Candido mostra que ela foi injustiçada e, portanto, revela **compaixão** pela escritora, enfatizando, a partir da sua posição superior, isto é, de crítico literário, que a obra merece ser analisada não só de uma forma justa, mas de modo que revele o seu valor literário no cenário nacional da época, considerando ser uma obra de debute.

⁶ O **lugar de qualidade** valoriza aquilo que é raro e único (cf. ABREU, 2009, p. 88; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 100).

⁷ **Regra de justiça**: “A regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 248).

3.2 O *pathos*: estética literária

Assim como Antonio Candido reajusta a imagem de Clarice Lispector, mediante a indignação e a compaixão, para seguir o seu discurso de louvor, ele movimenta a **amabilidade** ao tratar da estética literária da obra. Nesse sentido, é por meio da antítese, do lugar de essência e do lugar de qualidade que o crítico-orador demonstra verdadeira simpatia com o feito da jovem estreadora, como é possível observar no trecho a seguir:

Quanto mais não valesse, o livro da sra. Clarice Lispector **valeria como tentativa**, e é **como tal que devemos julgá-lo**, porque nêle **a realização é nitidamente inferior ao propósito**. Original não sei até que ponto o será. A crítica de influências me mete certo **medo**, pelo que tem de difícil e, sobretudo, de relativa e pouco concludente. Em relação a “Perto do coração selvagem”, **se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma performance⁸ da melhor qualidade** (grifos nossos).

A amabilidade é considerada a paixão-resposta, isso porque se caracteriza pelo fazer algo a alguém apenas prezando pelo bem do outro, sem esperar retribuições ou recompensas (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000). Nesse sentido, observa-se que Antonio Candido pretende mostrar que a escritora não é genial, mas deve ser julgada como iniciante, e como iniciante se mostra original, apresentando uma obra da melhor qualidade ao cenário brasileiro da época.

De início já é possível notar um movimento persuasivo no trecho: “**Quanto mais não valesse**, o livro da sra. Clarice Lispector **valeria como tentativa**”. Em termos interpretativos, observa-se que Candido, por meio da antítese⁹, pretende mostrar que ao menos Lispector arriscou em se distanciar da literatura corriqueira e padronizada. Assim, primeiro ele apresenta uma negação (“quanto mais não valesse”) para, posteriormente, apresentar um ponto de vista positivo (“valeria como tentativa”), construindo uma contradição para enfatizar que, sendo o romance uma tentativa, “é como tal que devemos julgá-lo” e, ainda, justificando que “nêle a realização é nitidamente inferior ao propósito”. À vista disso, Candido pretende fazer com que o leitor entenda que *Perto do coração selvagem* (1943) não é um romance excelente e que definitivamente inovou a literatura brasileira, mas sim um romance que se mostrou original, sem medo de ser considerado bom ou ruim e conseguiu trazer uma inovação literária mínima para o cenário nacional.

⁸ Itálico do crítico.

⁹ **Antítese**: “A antítese é um acúmulo de significados, porque se explicitam as oposições implícitas na construção dos sentidos. Isso para intensificar o que se diz, mostrando contradições e contrariedade presentes no objeto de que se fala” (FIORIN, 2019, p. 152).

Em seguida, é interessante observar o seguinte trecho: “Original não sei até que ponto o será. A crítica de influências me mete certo **medo**, pelo que tem de difícil e, sobretudo, de relativa e pouco concludente”. De acordo com a expressão do crítico, conclui-se que ele desenvolve um laudo sensato e ponderado, já que ele tem medo de apostar na obra e na escritora como originais na história da literatura brasileira. Isso acontece porque Candido não tinha referências sobre Clarice, logo ela era definitivamente uma escritora em debute, e como crítico, ao contrário dela, ele não poderia arriscar em errar. Assim, dá uma chance de a escritora ser lida e mostrar o melhor de si em obras mais bem desenvolvidas esteticamente.

Após reforçar o seu posicionamento crítico, Candido volta para a estética da obra, sugerindo que “se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro de nossa literatura, é uma *performance* da melhor qualidade”. Desse modo, o orador enfatiza que, mesmo com possíveis fontes estrangeiras de inspiração, ao ignorar a literatura internacional e focar no cenário da literatura nacional, a obra de Lispector se revela como uma performance da melhor qualidade. Portanto, tal constatação é feita por intermédio do lugar de essência¹⁰ e do lugar de qualidade. Nesse sentido, o lugar de essência aloca Clarice Lispector e sua obra, por meio do trecho “performance da melhor qualidade”, como a (nova) essência da literatura brasileira, já que tudo que ela apresenta é novo, original e distante daquilo que já surgia nas obras. Da mesma forma, o lugar de qualidade é enfatizado pela expressão “melhor qualidade”, em que o adjetivo “melhor” realça ainda mais a qualidade do romance inovador.

Com base nessa análise, é possível identificar a amabilidade, paixão-resposta, mobilizada pelos elogios realçados pelo lugar de essência e de qualidade, assim como pela antítese, momento em que Candido mostra com clareza que Lispector não é a maior escritora do momento, mas que mesmo sendo estreada foi capaz de realizar mais que outros escritores consagrados, apenas pela coragem de tentar.

Para mais, observa-se o **temor**, que se refere a um sentimento de dissociação, gerado pela dor de um mal possível de se consolidar (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000). O temor surge claramente pelo vocábulo “medo”, relacionando a aposta do crítico à qualidade da obra de estreia de Lispector. Isso revela que Candido temia errar em seu aval crítico, de modo que a escritora não se tornasse digna de uma crítica positiva. No entanto, assim como Clarice ousou em seu

¹⁰ **Lugar de essência:** “O lugar de essência valoriza indivíduos como representantes bem caracterizados de uma essência” (ABREU, 2009, p. 93).

romance, o crítico-orador ousou, com ponderação (cf. CORREA, 2020), em apostar na escritora.

3.3 O *pathos*: aval crítico

Foi com ousadia que Antonio Candido cedeu seu aval crítico à jovem Clarice Lispector. Assim, com base em elogios realçados pelo lugar de qualidade, observa-se tanto a amabilidade quanto a amizade na conclusão da crítica literária, como se pode observar no parágrafo final do discurso:

De tal estofo são feitas as grandes obras. O livro da sra. Clarice Lispector não o é, certamente. Todavia, poucos como ele, têm, ultimamente, permitido respirar numa atmosfera que se **aproxima da grandeza**. E isto, em grande parte, porque a sua autora **soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer**. Soube transformar em valores as palavras, nas quais muitos não veem mais do que sons ou sinais. A **intensidade** com que soube escrever e a **rara** capacidade da vida interior **poderão** fazer desta jovem escritora **um dos valores mais sólidos** e, sobretudo, **mais originais** da **nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização** (grifos nossos).

De início o crítico-orador retoma seu pensamento de que *Perto do coração selvagem* (1943) não é uma grande obra, porém afirma que “[...] poucos como ele, têm, ultimamente, permitido respirar numa atmosfera que se **aproxima da grandeza**”. Assim, ele revela, por meio do lugar de qualidade, que comparada aos outros escritores, a obra clariceana se aproxima da grandeza. Além disso, o lugar de essência também é mobilizado quando Candido afirma que Lispector “[...] soube **criar o estilo** conveniente para o que tinha a dizer”, mostrando que ela se esforçou demasiadamente para escrever a obra literária.

Para mais, é relevante observar o seguinte trecho: “A **intensidade** com que soube escrever e a **rara** capacidade da vida interior **poderão** fazer desta jovem escritora **um dos valores mais sólidos** e, sobretudo, **mais originais** da **nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização**”. Observa-se a mobilização do lugar de qualidade pelos vocábulos “intensidade”, “rara”, “originais”, “sólidos” e “nobre”, que elevam a escritora como única no cenário literário do momento. Dessa forma, o que mais chama a atenção é a menção ao futuro pelo verbo “poderão”, ao dizer que ela se tornaria um dos valores mais sólidos e originais da literatura brasileira, o que mostra uma motivação à escritora, bem como o quanto o crítico acreditou no potencial de Clarice e valorizou a obra de forma justa: analisando-a como uma primeira experiência e uma tentativa, o que gerou o laudo da obra, considerando-a uma nobre realização, que inovou, à luz do

momento, a literatura nacional, ou seja, para o crítico, a jovem escritora foi capaz de realizar o que escritores consagrados não conseguiram.

Nesse sentido, é a partir dos elogios, que levam ao lugar de qualidade e essência, que Antonio Candido move a amizade e a amabilidade. Em primeiro lugar, observa-se a **amabilidade** como a não expectativa de uma retribuição, afinal o crítico-orador construiu um discurso que foca no futuro da literatura brasileira e não de Clarice Lispector em si, mostrando que ela deu um pontapé inicial, abrindo as portas para que escritores produzissem obras originais e distantes de padrões literários.

Em segundo lugar, a **amizade** é a paixão marcada pelo relacionamento com o outro, desejando o bem que deseja para si, a partir de uma relação de identidade (cf. ARISTÓTELES, 2015; MEYER, 2000). À vista disso, é notório que Antonio Candido se identifica com Clarice Lispector, já que a jovem escritora oferece a ele a inovação literária que o crítico tanto esperava. Nesse sentido, Clarice satisfaz o desejo de Candido, de modo que ele renova o seu desejo: o de que ela se torne um dos valores mais sólidos e originais da literatura brasileira.

Considerações finais

Fundamentado no fato de que, na crítica literária jornalística “Perto do coração selvagem” (1944), publicada na seção “Notas de críticas literárias” do jornal *Folha da Manhã*, o crítico Antonio Candido cede seu aval crítico à Clarice Lispector, contata-se que o discurso candidiano mobiliza diferentes paixões sobre a obra e sua autora, a fim de gerar a identificação com o leitor.

Com base nessa consideração, as análises mostraram que são quatro as paixões principais mobilizadas pelo crítico-orador: indignação, amabilidade, temor e amizade. Assim, tais paixões são mobilizadas pelos seguintes recursos: regra de justiça, eufemismo, antítese, metáfora de percurso, argumentação pela analogia, lugar de qualidade, lugar de essência e seleção lexical.

A primeira das paixões identificadas é a **indignação**, que surge a partir da regra de justiça, configurando uma situação injusta, que não é aceita por Candido. Assim, a mobilização da indignação diz respeito à qualificação de “ingenuamente naturalista”, apontada por um crítico de valor e reformulada por Antonio Candido. Tal reformulação mobiliza a paixão da **compaixão**, que realoca Clarice Lispector como uma escritora inovadora e que deve ter sua obra analisada de forma a enfatizar o seu valor literário na época, ainda que não seja uma grande obra.

Em segundo lugar, há a mobilização do **temor**, paixão identificada pela menção do vocábulo “medo”. O medo do crítico-orador está associado ao medo de errar em seu aval crítico, já que a escritora poderia não se consolidar na literatura brasileira, o que para ele seria ruim pelo fato de apostar no desconhecido, bem como por ter discordado de um crítico de valor. Em terceiro lugar, a **amizade** é marcada pela identidade, de forma que Candido se identifica com a escritora por ela satisfazer o seu desejo, inovando a literatura brasileira. Essa satisfação faz com que o crítico acerte ao prever que Clarice Lispector se tornaria um dos valores mais sólidos e originais da literatura brasileira.

Por último, tem-se a **amabilidade** que funciona no discurso não só como a paixão-resposta, mas também como a paixão principal da crítica literária em questão. A amabilidade é mobilizada, em especial, pelos lugares de essência e de qualidade, assim como pela antítese, recursos utilizados para promover o elogio à escritora. Assim, observa-se a presença da amabilidade, já no início, pela disposição do crítico em analisar o romance como uma tentativa rara e original de inovar a literatura moderna. Nesse sentido, tanto a amabilidade, quanto a amizade, são movidas pela gama de elogios. No entanto, a amabilidade mostra que Clarice Lispector supriu a falta que o crítico-orador sentia na literatura nacional, trazendo uma nova tendência estética frente às produções da época. Portanto, o que Antonio Candido faz desde o início do discurso é deslocar Clarice Lispector da literatura corriqueira e alocá-la na literatura rara.

De acordo com a análise dos dados, pode-se dizer que Antonio Candido é um orador virtuoso, visto que apresenta um discurso equilibrado, sem excesso ou carência dos vícios, o que equivale à mediania. Ademais, as análises mostram que as paixões da amizade e, majoritariamente, da amabilidade mobilizadas pelo crítico-orador favoreceram a adesão de leitores à obra de estreia da jovem escritora, confirmando a hipótese inicial. Isso ocorre devido à sensibilidade do crítico-orador em julgá-la de forma justa, bem como a sua empolgação com a originalidade, que permitiu uma nova estética para a literatura moderna. Dessa forma, a amabilidade que é a paixão-resposta enaltecida e a amizade que gera a identificação são as paixões eufóricas que permitem conduzir o leitor do jornal à obra, mostrando a ele que o livro não é excelente, mas que além de se distanciar da literatura padrão da época, foi julgado como deveria: uma primeira experiência que se fez uma nobre realização.

Agradecimentos

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Processo nº 2019/22313-7.

Fontes

CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária “Língua, Pensamento e Literatura”, **Folha de S. Paulo**, 25 jun. 1944. Disponível em:

https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22922&anchor=237016&origem=busca&_matcher=4be562e35ac25140&pd=2958794701109f69b0123c916b56be61. Acesso em: 31 nov. 2022.

CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária “Perto do Coração Selvagem”, **Folha de S. Paulo**, 16 jul. 1944. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22939&anchor=187498&origem=busca&pd=38b5913f2412a9627800f627484c0936>. Acesso em: 31 nov. 2022.

PINTO, Manuel da Costa. A vocação crítica de Antonio Candido, **CULT**, 11 mar. 2010.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/vocacao-critica-de-antonio-candido/>.

Acesso em: 31 ago. 2022.

ROSA, André Santa. Clarice Lispector é reconhecida como patrona da literatura de Pernambuco, **Diário de Pernambuco**, 11 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/08/clarice-lispector-e-reconhecida-como-patrona-da-literatura-de-pernambu.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

Referências

ABREU, Antonio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê Editorial, 13 ed, 2009.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Leonel Vallando e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução: Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Alberto e Abel Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CORREA, Bruna Camargo. A retórica de Candido na construção das imagens de si e de Clarice. **Mandinga**, Redenção, v. 4, n. 1, p. 38-55, 2020. Disponível em:

<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/429>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CORREA, Bruna Camargo. O discurso candidiano na amplificação de Clarice Lispector.

EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, v. 21, n. 1, p. 25-42, 2021. DOI: doi.org/10.47369/eidea-21-1-2928

- DURÃO, Fabio Akcelrud. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica.** São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Figuras de Retórica.** São Paulo: Contexto, 2019.
- GOTLIB, Nádia. B. **Clarice: uma vida que se conta.** São Paulo: EDUSP, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. **Todas as Crônicas.** org. Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- MEYER, Michel. Prefácio: Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** Tradução: Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MEYER, Michel. **Questões de Retórica: linguagem, razão e sedução.** Tradução: António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução: Maria Ermantina A. P. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica.** Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, Joana. **Antonio Candido e Ángel Rama: Críticos Literários Na Imprensa.** São Paulo: EDUNIFESP, 2018.